

Contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para a Metodologia da Pesquisa Geolinguística: o papel do inquiridor

Marcela Moura Torres **PAIM***
Silvana Soares Costa **RIBEIRO****

* Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2007). Professora da Universidade Federal da Bahia. Realiza Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual de Feira de Santana. Contato: marcelamtpaim@yahoo.com.br.

** Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2012). Professora da Universidade Federal da Bahia. Realiza Pós-Doutorado na Université Paris 13 - França, vinculado ao convênio do Projeto CAPES-COFECUB 838/15. Contato: silvanar@ufba.br

Resumo:

Os procedimentos metodológicos utilizados no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) se afastam dos procedimentos tradicionalmente utilizados na recolha de dados dialetais pela ampliação dos tipos de questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático – e inclusão de questões de prosódia, de pragmática e de natureza metalinguística, de temas para discurso semidirigido e de um texto para leitura. Assim, o Projeto objetiva trazer para a análise uma maior soma de dados, contemplando aspectos pouco estudados da realidade brasileira, como a variação prosódica, a pragmática, a diafásica e a diarreferencial. Nesse sentido, este trabalho apresenta aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos nos inquéritos do Projeto ALiB. Nessa linha de raciocínio, o papel do inquiridor durante a realização das entrevistas, que se configuram como experiências únicas as quais ultrapassam muito a simples efetivação do inquérito, será posto em evidência, verificando as estratégias usadas para conseguir o dado desejado e resolver as dificuldades do entrevistador em obter determinadas respostas no momento da aplicação do questionário linguístico.

Palavras-chave:

Metodologia. Entrevistas. Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 1, p. 106-125, abr. 2018

Recebido em: 28/06/2017

Aceito em: 21/12/2017

Contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para a Metodologia da Pesquisa Geolinguística: o papel do inquiridor

Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro

INTRODUÇÃO

No presente artigo, os inquéritos pertencentes ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante Projeto ALiB, serão analisados em busca de mostrar as estratégias usadas para conseguir o dado desejado e oferecer, aos futuros dialetólogos, sugestões para resolver o impasse do entrevistador em obter determinadas respostas no momento da aplicação do questionário linguístico.

O Projeto ALiB oferece, pela própria natureza dos dados que se propõe reunir, uma ampla interface com outros ramos das ciências o que lhe assegura o caráter multi e interdisciplinar. No que concerne ao tipo de recolha previsto, os dados vão evidenciar diferentes formas de comportamento linguístico correlacionadas ao tipo de discurso. A postura linguística que assume o falante, a depender da natureza da sua elocução, oferece aos estudos no campo da psicologia e da sociologia vasto material de análise para o conhecimento do comportamento humano. As respostas não dadas e as restrições que muitas vezes ficam claras na fala dos informantes, bem como os recursos às metáforas e os circunlóquios permitem reflexões no campo dos estudos culturais, em geral, que evidenciam tabus existentes, construídos no curso da história e motivados por impulsos diferenciados.

A esses aspectos relacionados, com os quais não se pretendeu esgotar a indicação das possibilidades de interdisciplinaridade do projeto, é importante destacar o que advém de um atlas para os estudos linguísticos especificamente nos seus diferentes campos – semântica, lexicologia, sintaxe, morfologia, fonética/fonologia, pragmática, discurso.

Nesse artigo, serão discutidas a atuação do inquiridor e as suas estratégias para obtenção das respostas, no questionário semântico-lexical nos campos referentes ao *corpo humano*, aos *jogos e diversões infantis*, aos *ciclos da vida* e ao *vestuário e acessórios*.

O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: ORIGEM E ESTADO DA ARTE

O interesse pelos estudos dialetais, no Brasil, presente entre filólogos e linguistas da primeira metade do século XX sensibilizou o governo brasileiro, levando-o a se manifestar favorável à realização de um atlas linguístico do Brasil, como expresso no Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 (BRASIL, 1952), que assim reza em seu § 3º:

A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, *sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (grifos nossos).

Razões de variada ordem impediram a realização desse desejo dos linguistas brasileiros, nada obstante a determinação governamental. Passados cerca de cinquenta anos, a ideia foi retomada (i) pela urgência de descrever o português brasileiro antes que se percam dados e fatos capazes de esclarecer aspectos da história linguística do país e (ii) pelo papel que a Geografia Linguística continuava a ter, apesar da implementação dos estudos sociolinguísticos.

Concebe-se, para a concretização desses objetivos, o Projeto ALiB, cujas bases foram propostas no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em 1996, que contou com a participação de representativo número de pesquisadores brasileiros da área e com a presença do Prof. Dr. Michel Contini, do Centre de Dialectologie de Grenoble, Diretor do *Atlas Linguistique Roman* e membro do Comitê Diretor do *Atlas Linguarum Europae*.

O Projeto ALiB – na sua essência uma atividade de pesquisa acadêmica, porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro – tem, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

No que se refere ao primeiro dos aspectos, a concepção do Projeto conduziu a que se recorresse a diferentes campos do saber visando fundamentar suas bases. Por exemplo, durante a fase de levantamento de dados sobre as potenciais localidades que seriam selecionadas para a composição da Rede de Pontos, a definição da Rede de Pontos requereu conhecimento no campo da história, da antropologia, da geografia (física, humana e política), sobretudo a demográfica. Contou-se também com estudos sobre a cultura, a economia, o desenvolvimento social e político e os aspectos religiosos de cada região. A seleção de localidades reflete não apenas o interesse linguístico, mas o perfil sócio-histórico das zonas a serem mapeadas e, se por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro encerra um relevante feixe de correlações sócio-histórico-culturais.

Ainda nesse aspecto e no tocante à seleção de informantes a serem documentados, fez-se necessário um estudo da formação demográfica do Brasil, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que marcam a composição da população brasileira, a que se acrescenta um conhecimento da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar diferentes variáveis sociais – como idade, sexo, escolaridade – para que se possa obter uma amostra linguística representativa da realidade

do país. O Projeto ALiB nasce, assim, profundamente correlacionado a outros ramos do conhecimento científico.

Integram o Projeto ALiB um conjunto de 14 (quatorze) instituições brasileiras, articuladas mediante convênio que entre si firmaram a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Federal do Ceará, a Fundação Universidade do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Estadual de Londrina, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal da Paraíba, a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Estadual do Ceará, o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal de Ouro Preto, a Universidade Federal do Piauí e a Universidade Federal de Santa Catarina.

Atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros, assim estruturado: Diretora-Presidente – Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia); Diretora Executiva – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia); Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Silvana Soares Costa Ribeiro (Universidade Federal da Bahia); Valter Pereira Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

Como expõem Cardoso et al. (2013, p. 39), a determinação do tipo de informante que deveria fornecer as amostras de fala para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB levou em conta a decisão metodológica de se contemplarem dimensões sociais – diasssexual, diageracional e diastrática –, ao lado da diatópica, afastando-se, portanto, do perfil tradicional que Chambers e Trudgill (1994, p. 57) identificam como NORM (*nonmobile, older, rural male*) – ou HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), na versão sugerida por Zágari (1998, p. 36) –, inserindo-se na metodologia contemporânea da Geolinguística Pluridimensional, como a seguir se apresenta.

Os informantes, em número de quatro em cada ponto – exceto nas capitais de Estado, onde foram inquiridos oito informantes –, distribuem-se igualmente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de quinhentos e cinquenta homens e quinhentas e cinquenta mulheres, possibilitando a análise da variação diasssexual.

Para a depreensão da variação diageracional, os informantes são de duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos.

Do ponto de vista da variação estrática, incluem-se, nas capitais de Estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto – como nas demais localidades – e quatro com nível de escolarização universitário.

Como é norma em trabalhos de natureza geolinguística – a não ser naqueles em que se considera a oposição entre diatopia estática e diatopia dinâmica, como no *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*, como apresentam Cardoso et al. (2013, p. 27) –, os 1.100 informantes devem ser naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística. Não devem ter se afastado da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento não podem coincidir com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realiza o inquérito.

No que concerne a outros aspectos metodológicos, é importante trazer informações atinentes à elaboração do questionário e à aplicação *in loco*. Pontos que dialogarão com os dados que serão tratados neste artigo.

O conjunto de dados que um atlas linguístico espelha, na sua amplitude maior, pode: (i) mostrar coordenadas seguidas no povoamento do país, desfazendo dúvidas sobre roteiros de penetração ou oferecendo elementos comprobatórios de levas de povoamento fixadas nesses locais ou que por eles transitaram; (ii) assinalar o papel de acidentes geográficos na difusão de hábitos linguísticos – como se pode ver examinando, por exemplo, o papel dos rios – ou no isolamento de fenômenos que se detêm por trás de montanhas ou incrustados em vales; (iii) fornecer elementos específicos para estudos pontuais, como no campo da medicina, mostrando nomes de doenças, diagnósticos e curas que estão na sabedoria popular e que afloram em perguntas nessa direção, ou no campo da geologia, com a caracterização e denominações para tipos de terreno, por exemplo, ou ainda na forma de designar os elementos do mundo biossocial, vasto campo para os psicanalistas. Com a educação, é altamente significativa a relação do Projeto ALiB, cujos resultados propiciarão um melhor equacionamento do ensino-aprendizagem à realidade de cada região, uma vez que, descritas as peculiaridades de cada área e caracterizada a variedade de uso da língua ali dominante, pode-se construir um modelo de ensino mais eficaz do vernáculo.

A implantação do Projeto ALiB, em 1996, propiciou a discussão da metodologia relativa aos trabalhos de natureza geolinguística e à elaboração de instrumentos de trabalhos adequados às necessidades de coleta de dados empíricos, fatos tão importantes ao desenvolvimento da Geolinguística no Brasil que já se pode interpretar o Projeto ALiB como marco de uma nova fase na Dialectologia brasileira, a quarta, se se admitem as três fases anteriormente propostas por Cardoso e Ferreira (1994) (cf. MOTA; CARDOSO, 2006, p. 19).

Em vista disso, pode-se considerar como um enriquecimento, na área da pesquisa geolinguística, o aproveitamento das discussões metodológicas ocorridas em reuniões e *workshops* nacionais e regionais, em palestras e em minicursos ministrados pelos pesquisadores que integram a Equipe do Projeto ALiB.

Entre os pontos que podem ser arrolados como de transferência de tecnologia destacam-se:

- a) O Questionário Linguístico do ALiB, pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua, tem servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais;
- b) A implementação de atlas regionais, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área da Dialectologia, e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da Dialectologia brasileira.

O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, Introdução e Cartas Linguísticas 1, foram publicados em 2014 (CARDOSO et al., 2014a e 2014b, respectivamente) e dos quais se apresenta, a seguir, a descrição do conteúdo:

Volume 1 – Introdução

O volume 1, com 212 páginas, apresenta a trajetória do Projeto ALiB e descreve os passos metodológicos seguidos. Agregam-se a essa parte a reprodução dos instrumentos metodológicos utilizados e apêndices que complementam a informação.

Dos instrumentos metodológicos figuram:

- Os questionários linguísticos, apresentados na sua versão inicial, uma vez que, no curso da pesquisa, algumas alterações ditadas pela experiência em campo foram processadas;
- As fichas de anotação de dados da localidade e do informante;
- O quadro de controle de respostas, instrumento que permitia ao auxiliar de pesquisa, marcando as respostas não obtidas, avaliar, de imediato o rendimento daquele inquirido em função do percentual de respostas dadas e, assim, poder o inquiridor validá-lo ou não, porque se tinha estabelecido um teto percentual, a partir do qual não se teriam os elementos representativos da localidade.

Nos Apêndices estão: a Rede de Pontos, a lista de pesquisadores do ALiB, a lista de inquiridores e de auxiliares e a relação de Bolsistas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico, vinculados a diferentes programas oficiais de financiamento da pesquisa.

Volume 2 – Cartas Linguísticas 1

O volume 2 apresenta, nas suas 368 páginas, um primeiro conjunto de cartas linguísticas que contemplam resultados, relativos às capitais de estado, no campo da fonética, do léxico e da morfossintaxe, trazendo, em alguns casos, além da visão diatópica, um enfoque diageracional, diasssexual e diastrático.

De forma introdutória, figuram 10 cartas que fornecem dados de caráter geral sobre aspectos políticos e geográficos do país, com detalhamento das regiões geográficas nas

quais se identificam os pontos da Rede em cada uma delas. A essas seguem-se as cartas linguísticas, propriamente ditas:

- cartas fonéticas que abordam seis fatos descritos e analisados, num conjunto de 46 cartas;
- cartas semântico-lexicais, prioritariamente onomasiológicas, mas incluindo duas cartas semasiológicas, num total de 106 cartas que contemplam oito das 14 áreas semânticas constantes do Questionário Semântico-Lexical e focalizam os dados numa perspectiva geral – cartas diatópicas gerais – e com indicação por região – cartas diatópicas regionais;
- cartas morfossintáticas, em número de sete, com dados referentes à flexão de número e de gênero, à distribuição dos pronomes de tratamento e à utilização do verbo *ter* com valor existencial.

Algumas cartas, e na sua maioria, estão acompanhadas de notas que trazem comentários dos informantes e manifestações do inquiridor ou do responsável pela elaboração da carta, com vistas a elucidar aspectos considerados relevantes.

O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL APLICANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA GEOLINGUÍSTICA

Os procedimentos metodológicos usados no Projeto ALiB se distanciam dos passos usados tradicionalmente na coleta de dados da pesquisa dialetológica pela ampliação dos tipos de questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático –, além da adição de questões de prosódia, de pragmática e de natureza metalinguística, de temas para discurso semidirigido e de um texto para leitura. Nesse sentido, o Projeto tem como intuito analisar um conjunto de dados nos diversos níveis de análise da língua, além de tentar contemplar aspectos pouco estudados da realidade brasileira, como a variação prosódica, a pragmática, a diafásica e a diarreferencial.

O questionário linguístico do Projeto ALiB foi elaborado pelos membros do Comitê Nacional tomando-se por base os questionários linguísticos utilizados nos atlas estaduais e regionais publicados ou em andamento no Brasil e os questionários do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) e do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). Tais questionários foram examinados e, com base neles e na experiência dos pesquisadores, foram elaboradas versões experimentais do questionário que, após aplicações visando a testagem do instrumento, seu refinamento e sua adequação à realidade do país, gerou o questionário definitivo, publicado em 2001, que, do ponto de vista do ALiB, se aplicou na constituição do *corpus* em todo o país.

Constituído de sete partes distintas, o Questionários Linguístico do Projeto ALiB está assim organizado:

- (1) QFF – Questionário Fonético-Fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
- (2) QSL – Questionário Semântico-Lexical (202 perguntas);

- (3) QMS – Questionário Morfossintático (49 perguntas);
- (4) QP – Questões de Pragmática (4 perguntas);
- (5) TDS – Temas para Discurso Semidirigido (4 temas – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal);
- (6) PM – Perguntas Metalinguísticas (6 perguntas); e
- (7) LE – Texto para Leitura (“Parábola dos sete vimes”).

Verifica-se, no Questionário, que todas as perguntas se fazem acompanhar da redação de como devem ser formuladas, evitando, dessa forma, possíveis distorções na(s) resposta(s) obtida(s), em decorrência do modo como se apurou a forma fornecida pelo informante. Ainda demonstrando o cuidado com o modo de aplicação do Questionário e a consequente preservação da uniformidade na obtenção dos dados, quando nacionalmente considerados, se pode ver que, além da formulação inicial, estão indicadas outras formas complementares de obtenção de respostas, como: gestos, mímicas, figuras impressas ou reais (miniaturas de objetos ou exemplares originais de alguns objetos). Há, ainda, sugestões de possibilidade de reformulação de perguntas (caso necessário) e de itens para os quais são demandadas ampliações da pergunta para se obter contexto de utilização (exemplo: FAZENDA – QFF 53) ou descritivo detalhado da forma em uso na localidade (exemplo: AMARELINHA – QSL 167).

Aplica-se o Questionário em todas as localidades constituintes da Rede de Pontos do ALiB. As entrevistas, fruto da aplicação do questionário, duram em média três horas e são totalmente gravadas para posteriores transcrições grafemática e fonética.

No que se refere ao Questionário ALiB, apresenta-se, a seguir, um breve comentário sobre a parte do instrumento que contempla o Questionário Semântico-Lexical (QSL), suas características específicas, principais objetivos e forma de aplicação, tendo em vista que os exemplos trazidos para discussão neste trabalho foram coletados a partir das respostas do QSL.

O Questionário Semântico-lexical (QSL) é composto de 202 questões, por meio das quais não se busca a realização de um vocábulo específico, mas, sim, a variação lexical. São questões de cunho onomasiológico. Prestam-se também para estudos da variação diastrática, diageracional e diagenérica, pois, quando os informantes são incitados a apresentarem “outras denominações” para o item semântico-lexical em questão, muitas vezes são registradas colocações como: “os mais antigos falavam assim”, “ouvia minha vó dizer isto”, “antigamente não se falava assim, não”, “o pessoal ignorante fala assim” ou “ouço dizer”. Buscam-se documentar formas linguísticas empregadas na localidade, as formas de uso comum e geral. O QSL está organizado em 14 áreas semânticas¹, apresentadas no Quadro 1:

¹ Destaca-se que, ao fazer referência ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, mantém-se a nomenclatura *área semântica*, entendida em sentido *lato* como campo semântico ou campo léxico.

Quadro 1 – Áreas semânticas do Questionário Semântico-Lexical

ÁREAS SEMÂNTICAS	N.º DE PERGUNTAS
1. Acidentes geográficos	06
2. Fenômenos atmosféricos	15
3. Astros e tempo	17
4. Atividades agropastoris	25
5. Fauna	25
6. Corpo humano	32
7. Ciclos da vida	15
8. Convívio e comportamento social	11
9. Religião e crenças	08
10. Jogos e diversões infantis	13
11. Habitação	08
12. Alimentação e cozinha	12
13. Vestuário e acessórios	06
14. Vida urbana	09
TOTAL	202

Fonte: As próprias autoras.

A coleta de dados é uma das etapas importantes da pesquisa geolinguística, pois, por meio de uma entrevista bem articulada, os pesquisadores poderão investigar aspectos que revelem o português falado no Brasil.

Na etapa de levantamento de dados das pesquisas, ao ouvir muitos inquéritos, várias vezes, fatos relevantes se sobressaem, como as estratégias usadas para conseguir o dado desejado e as dificuldades do entrevistador em obter determinadas respostas no momento da aplicação do questionário linguístico.

No que diz respeito aos mecanismos utilizados para a obtenção do dado desejado, um dos aspectos que chama a atenção nos inquéritos do Projeto ALiB é a condução do inquiridor, demonstrando interesse pelo seu informante e fazendo com que o inquérito se assemelhe a uma conversa com traços de informalidade. Para isso, é preciso que haja equilíbrio entre o ritmo da fala do informante e a do entrevistador, de modo a se conseguir certa harmonização com o ritmo do interlocutor, a distância adequada do microfone e o tom adequado de voz do inquiridor.

Sobre essa questão, Labov (1972, p. 113) expõe a cautela que se deve ter para evitar o paradoxo do observador, tendo cuidado com o vocabulário utilizado, a postura do inquiridor diante do informante, enfim, todas as situações que compõem a entrevista.

Os problemas relacionados ao paradoxo do observador foram administrados a partir da introdução, nos questionários do ALiB, de temas para que o informante discorra livremente

sobre, por exemplo, “um acontecimento marcante em sua vida”. Tal temática tem possibilitado trechos mais espontâneos de fala, algumas vezes com bastante emoção.

Como expõe Mota (2006, p. 253), alguns requisitos devem ser atingidos para que um inquérito linguístico ocorra de maneira satisfatória. Em primeiro lugar, é preciso haver conhecimento, por parte do inquiridor, dos instrumentos de trabalho, especialmente dos questionários, e a sua capacidade de estabelecer um diálogo mais próximo de uma conversa informal com o informante. Aliado a isso, é importante que haja a disponibilidade de tempo e a atitude cooperativa do informante, que deve estar num ambiente livre de ruídos externos que possam comprometer a qualidade do registro, além de boas condições dos aparelhos de gravação.

Levando em consideração que cada entrevista representa uma significativa oportunidade de interlocução entre informante e entrevistador, a valorização das relações humanas deve merecer especial atenção do inquiridor.

Sobre esse aspecto, Lindley Cintra (1983, p. 9-10) expõe:

No duro e doloroso tempo que vivemos, quando, perante uma tão premente necessidade de acção, chega a pôr em causa, para mim próprio, o direito àquela tranqüila investigação sobre as palavras, que é em princípio a vida do filólogo, penso frequentemente na minha experiência dialectológica e encontro nela motivos para prosseguir – e animar outros a prosseguir. Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que se situavam, contavam-me histórias, diversas também. Ao fim de dois ou três dias sentíamos-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham-me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me tinha colocado em contacto [...] Através das palavras que emprega, através das conversas que essas palavras sugerem e provocam, o homem que temos na nossa frente vai-se-nos pouco a pouco desvendando.

Depois de vários anos, a concepção de Lindley Cintra encontra-se atualizada, reafirmando que a Dialectologia é uma ciência em que é recomendável que o pesquisador procure estabelecer uma relação de empatia com o informante e tenha sensibilidade suficiente para abstrair aspectos da sua realidade cotidiana. Um exemplo disso é o que se ilustra a seguir (Exemplo 1), a propósito da questão 95 do Questionário Semântico-Lexical, do campo *corpo humano*, que objetiva apurar as denominações para inflamação que ocorre nos olhos e faz com que eles fiquem vermelhos e amanheçam grudados:

Exemplo 1

INQ.- Há uma inflamação seu M. que dá no olho e faz com que ele fique vermelho e amanheça grudado...

INF.- Ah tem o... de primeiro tinha muito eu já teve isso, é *dor d'olho*.

- INQ.- Isso!
- INF.- O *dor d'olho* e tem e aí tem... tem a *conjuntivite* também né como se chama agora? Eu também já teve esse *conjuntivite*... esse... esse *dor d'olho* é terrível, eu tive muito isso.
- INQ.- *Dor d'olho* né?
- INF.- Ah dói demais e o olho fica ardendo e fica vermelho parece que vai sair até sangue.
- INQ.- É.
- INF.- Eu curava muito, nesse tempo... no tempo de criança não tinha nem... remédio podia ser que tinha remédio mas não podia comprar que era muito pobre, né?
- INQ.- É.
- INF.- Aí minha mãe usava de tirar folha de... fedegoso.
- INQ.- Ah!
- INF.- Pra tirar o sumo, batia ele depois com... botava um pouco de água numa vasilha, batia bem mesmo, socava bem ele, depois torcia num pano pra tirar o suco da folha do... do fedegoso pra escaldar o olho.
- INQ.- Ah.
- INF.- E com isso aí melhorava.
- INQ.- Olha só que interessante né?
- INF.- E... ou então também botava limão, aquele limãozinho... limão é... limão caipira nosso, não sei se a senhora conhece.
- INQ.- Conheço.
- INF.- Limão caipira daquele pequenininho assim, daquele bem verdinho, corta ele em cruz, aí fazia assim um tipo simpatia, né?
- INQ.- Ahã.
- INF.- Aí um lado do gomo, que fica quatro gomo partido em cruz, fica quatro gomo né? Quatro pedaço, aí um pedaço joga pro lado do sol poente, do lado que o sol entra né?
- INQ.- Huhum.
- INF.- E outros três, as outras três partes põe dentro d'uma água bem limpa, fervida, né? Ferve ela, se é com água assim bruta como era no caso nosso lá lá num tinha filtro né? Era água de poço, de cacimba, essas coisa né? Aí, então, fervia aquela água deixava esfriar pra pôr o limão na água pra escaldar o olho, também é bom.
- INQ.- É, bom também.
- INF.- É, mas o limão bem verdinho, né? Bem verde.
- INQ.- Certo.

(Cuiabá-MT, Homem, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

No Exemplo 1, além do exposto, é possível verificar um caso que demonstra o fato de as ciências não transitarem por caminhos com limites rígidos, permitindo diálogos com outras áreas do saber. O discurso desse informante, ao descrever um remédio caseiro para o tratamento da conjuntivite, exemplifica as interfaces da Dialectologia com outros ramos do conhecimento, como já apontou Cardoso (2006, p. 98): “o conhecimento científico é, na realidade, uma grande teia, tecida com fios diversos, na qual se põem em destaque ora um, ora outro desses ‘fios’ que se podem identificar [...]”.

Destaca-se, a seguir, nos Exemplos 2 e 3, a questão 158 do Questionário Semântico-Lexical, pertencente ao campo *jogos e diversões infantis*, que objetiva obter as denominações para o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha.

No Exemplo 2, duas lexias (*papagaio* e *pipa*) estão apresentadas pelo informante e pode-se perceber a variação diageracional: *papagaio* é lexia utilizada pelos mais velhos e *pipa* pelos mais novos.

Exemplo 2

INQ.- Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

INF.- É o *papagaio*. Nós falamos aqui *papagaio*, *pipa*.

INQ.- Qual que é o nome mais comum?

INF.- Todos, todo, aqui, aqui em Unai eis (eles) fala muito *papagaio* e *pipa*.

INQ.- E são iguais? Papagaio e pipa é a mesma coisa?

INF.- É o mesmo caso, mesma coisa. Mais o certo memo é *pipa*, fala mais *pipa*. O povo antigo mais que fala *papagaio*, né, o povo mais velho. Agora, os mais novos não, agora, dessa juventude que vai vindo eles já fala é *pipa*, né?

INQ.- É, mas isso não quer dizer que papagaio esteja errado, né?

INF.- Não, eles fala... o povo antigo falava é *papagaio*.

(Unai-MG, Homem, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

Ainda no Exemplo 2, é possível destacar o desempenho do inquiridor, demonstrando conhecimento do questionário, da atenção quanto à formulação das questões no intuito de descobrir se para o informante haveria diferença entre *papagaio* e *pipa*. A insistência do inquiridor também se destaca no Exemplo 3, exposto a seguir:

Exemplo 3

INQ.- Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

INF.- *Pipa*.

INQ.- Tem outro nome?

INF.- *Papagaio*.

- INQ.- Qual que é o mais comum?
 INF.- *Pipa*.
 INQ.- E quem que fala papagaio?
 INF.- É esses menino mais novo, meu filho mermo, por exemplo, eles fala.[...].
 INQ.- É igual? A pipa e o papagaio são iguais?
 INF.- Não. *Papagai...* não, tem o *papagai'*, a pipa e o ra... é *ratinha*, né. *Ratinha* geralmente é só de papel. A *pipa* é cum... É, cum vareta. E cum a *rabiola* ainda. A *ratinha* já num tem, só o papel e a linha.
 (Unaí-MG, Mulher, Faixa etária 1, Nível Fundamental)

No Exemplo 3, o inquiridor dá uma lição de paciência e insistência por meio de suas perguntas, que vão conduzindo a entrevista: “Tem outro nome?”, “Qual que é o mais comum?”, “E quem que fala papagaio?” e “É igual? A pipa e o papagaio são iguais?”. Essas sequências de perguntas tiveram êxito, uma vez que a informante jovem de Unaí foi bastante instigada a dar as respostas, demonstrando, no seu depoimento, que para o uso de *pipa* x *papagaio*, tem-se a variação de faixa etária.

Ainda no que concerne ao campo semântico *jogos e diversões infantis*, chamam a atenção os Exemplos 4 e 5, relacionados à questão 167 do Questionário Semântico-Lexical, que objetiva investigar as denominações para brincadeira, que não requer qualquer recurso financeiro e é conhecida em zona rural e urbana. O objetivo da brincadeira é percorrer com um só pé um diagrama desenhado no chão, composto por quadrados numerados, após o lançamento de qualquer objeto (pedrinhas, cacos de telha, cascas de banana) em uma das “casas”. Vence a brincadeira quem primeiro chegar ao topo do desenho (geralmente nomeado de céu).

Há muitos desenhos previstos para o diagrama, como também muitas regras de execução. Buscam-se, com essa pergunta do questionário, os nomes utilizados para denominar a atividade lúdica e, também, uma descrição detalhada da brincadeira: características do diagrama, regras de execução, nomes diferentes para a brincadeira quando associada a diagramas diferentes, por exemplo.

Exemplo 4

- INQ.- Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?
 INF.- *Amarelinha*.
 INQ.- Mas, a senhora conhece como amarelinha mesmo?
 INF.- A gente chamava era *macaco*.
 INQ.- Pular...?
 INF.- *Pular macaco*.

INQ.- Então o desenho tem o jeito do...

INF.- É... *pular macaco*, a gente chamava *pular macaco*, agora chama *amarelinha*.

(Pedro Afonso-TO, Mulher, Faixa etária 1, Nível Fundamental)

O Exemplo 5 também traz um caso interessante, no qual o inquiridor consegue extrair as informações que mostram o fato de a brincadeira ser praticada por meninas, fato que foi verificado na fala de um informante do sexo masculino.

Exemplo 5

INQ.- Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam um pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

INF.- Ah, eu sei, aí é... como é que chama, aqui brinca muito disso, mas isso é só pra menina mulher, homem aqui não brinca com isso não... é... *amarelinha* parece, não é isso?

INQ.- É, é isso.

INF.- É, minhas irmãs brincavam disso.

INQ.- É...é disso mesmo. Menino não?

INF.- Não, homem aqui não.

INQ.- É, lá tanto faz.

INF.- No meu tempo não. No meu tempo era custoso porque é o tempo que homem tinha que brincar brinquedo de homem, se não ele virava frozinha. (risos). E no meu tempo mesmo a gente brincava muito pouco, porque mais tinha que trabalhar mesmo pra ajudar o véio (velho).

(Goiás-GO, Homem, Faixa etária 2, Nível Fundamental)

Esse exemplo demonstra que o inquiridor proporciona um ambiente informal na entrevista, participando com informações do seu contexto, como atestam as falas “É, é isso”, “É... é disso mesmo. Menino não?” e “É, lá tanto faz”, estabelecendo, dessa forma, uma conexão mais espontânea entre entrevistado e entrevistador.

Os Exemplos 6 e 7, a seguir, referem-se à questão 121 do Questionário Semântico-Lexical, que faz parte do campo ciclos da vida, a qual objetiva levantar as denominações para o sangue que as mulheres perdem todos os meses. Nos exemplos, percebe-se que outras denominações, além de *menstruação*, só surgem após pergunta do inquiridor “Tem um mais comum?” Pode falar?”, no momento do inquérito no intuito de superar as dificuldades relacionadas ao tabu linguístico².

² Sobre tabus linguísticos em dados do Projeto ALiB, e em especial para as formas eufêmicas (tá de boi, tá de chico, tá de bode, dentre outras), consultar Benke (2012).

Exemplo 6

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses. Como é que chama isso?

INF.- É... *menstruação*, né?

INQ.- Tem um mais comum? Pode falar.

INF.- Não, mas, o nome de antigamente é muito feio.

INQ.- Fala!

INF.- *Regras*.

INQ.- O que mais?

INF.- *Menstruada*...

(Belo Horizonte-MG, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Exemplo 7

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso?

INF.- *Menstruação*.

INQ.- Agora eu quero os nomes populares...

INF.- Ah, é...?

INQ.- “Não vou pra piscina hoje porque eu tô...”

INF.- Tô de *bandeira vermelha*

INQ.- Isso. O que mais?

INF.- Tô de *sinal vermelho*, tô de *regras*, as mais antigas chamam *regras*.

INQ.- É.

INF.- *Tô de bode*.

INQ.- Isso. Tua geração.

INF.- Ai que nome feio eu acho horrível.

INQ.- (risos)

INF.- *Tô de bode*.

INQ.- E da tua geração?

INF.- Da minha geração é... *tô menstruada*, *tô ... tô naqueles dias*, *tô de bandeira vermelha*, *tô de sinal vermelho*.

INQ.- Certo.

INF.- Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as meninas usam mais...

INQ.- Ah, é?

INF.- Mas que eu não me lembro agora.

INQ.- Se você lembrar, depois você me fala.

INF.- Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: *tô de bode*.

INQ.- Tô de bode.

INF.- Né?

INQ.- E ponto final.

INF.- Eu acho horrível.

INQ.- É?

INF.- Eu não gosto muito não.

INQ.- Você não usa?

INF.- Não eu não, mas que eu ouço, ouço, né?

(Boa Vista-RR, Mulher, Faixa 1, Nível Superior)

Nos Exemplos 6 e 7, os informantes, após as estratégias bem-sucedidas aplicadas pelo inquiridor, citam itens mais antigos; configurando os usos de *menstruação*, *tô menstruada*, *tô naqueles dias*, *tô de bandeira vermelha*, *tô de sinal vermelho*, na atualidade, e *regras* e *tô de bode* como as variantes de antigamente. Assim, observa-se que os informantes lembram e dão expressão às suas lembranças por meio do estímulo do inquiridor, que vence pela paciência, e pela insistência na busca das respostas. Os depoimentos apontam para o entendimento, por parte dos informantes, de que a vida mudou e, junto com ela, também os itens lexicais para se referir ao fato de as mulheres perderem sangue todos os meses.

Ainda em relação à pergunta 121 do Questionário Semântico-Lexical, também se encontra o Exemplo 8, que ilustra um caso em que o pesquisador procurou estabelecer uma relação de empatia com o informante, tendo a sensibilidade de conseguir, de forma descontraída, extrair dados que, para muitos, ainda se configuram como tabus linguísticos.

Exemplo 8

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, né. Como é que se chama isso?

INF.- Aqui pra nós é tudo *menstruação* né?

INQ.- Isso. Tem algum nome mais folclórico, mais popular... Que a gente falava quando era mais mocinha... Hoje eu tô do quê? O que que veio pra mim...?

INF.- (risos) Aí não..., antigamente a gente, quando *tava menstruada* lá muito, nos anos de guaraná de rolha, né (risos)

INQ.- Guaraná de rolha é bom!

INF.- A gente falava assim: “Ixe, eu *tô de chico*” (risos) que eu achava o máximo, né!

INQ.- É isso mesmo. No meu tempo também.

INF.- Aí que horror né. Agora cê fala *menstruação* é mais assim delicado né! (risos).

(São Paulo-SP, Mulher, Faixa 2, Nível Fundamental)

No Exemplo 8, verifica-se que o estilo coloquial da linguagem adotada pelo inquiridor proporciona um ambiente informal na entrevista, estabelecendo uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador. Nesse exemplo, é possível observar a variação lexical diageracional nas variantes lexicais *tá de chico* e *regra*, que são sinalizadas no discurso da informante como uma variante típica de informantes mais velhos. Esse dado é obtido também devido à performance do inquiridor que, ao finalizar dizendo “É isso mesmo. No meu tempo também.”, demonstra que entre os interlocutores há de fato algo a partilhar.

No campo semântico *vestuário e acessórios*, observa-se o exercício da paciência e de insistência por parte do inquiridor, principalmente nos casos em que se trata de informante do sexo masculino quando questionado em relação às denominações que se referem mais ao universo das mulheres. Os Exemplos 9 e 10 mostram essa questão a partir da pergunta 191, que se destina à coleta das denominações para o produto que as mulheres usam no rosto para ficarem mais rosadas.

Exemplo 9

INQ.- Como se chama o produto que as mulheres passam nas bochechas para ficarem mais rosadas?

INF.- *Pó de arroz, ruge*, aí são nomes qu'eu soube.

INQ.- O pó de arroz é da mesma cor do ruge?

INF.- Não sei.

INQ.- Já não é sua praia, né?

INF.- Pra mim é a mesma coisa.

(Salvador-BA, Homem, Faixa 2, Nível Universitário)

Exemplo 10

INQ.- Como chama o produto que as mulheres passam nas bochechas para ficarem mais rosadas?

INF.- Rapaz, hoje, com tanto produto aí que elas têm, que a gente até...

INQ.- Só aquilo assim que dá uma corzinha?

INF.- É tem aquela depilação que elas fazem lá, lapiseira num sei o quê, sei lá, é *ruge*? Antigamente chamava de *ruge*, né isso?

INQ.- Pra ficar rosado.

INF.- Rosado.

(Cabrobó-PE, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Nos Exemplos 9 e 10, percebe-se que houve a capacidade de estabelecer com o informante um diálogo o mais próximo possível de uma conversa informal, seja com o reconhecimento de que não se pode mais insistir, como denota a fala do inquiridor no Exemplo 9: “Já não é sua praia, né?”, seja na insistência na busca do dado, como mostra o inquiridor no Exemplo 10: “Só aquilo assim que dá uma corzinha?”

Ainda no campo semântico *vestuário e acessórios*, também, são verificadas as estratégias utilizadas pelo inquiridor para tornar a conversar mais informal, bem próxima de um diálogo. Isso fica perceptível, no Exemplo 11, a propósito da questão 193 do Questionário Semântico-Lexical que tem o intuito de coletar as denominações para o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça.

Exemplo 11

INQ.- E o objeto de metal ou plástico que pega um lado a outro da cabeça?

INF.- *Tiara.*

INQ.- Que serve pra prender o cabelo?

INF.- É *tiara*.

INQ.- *Tiara.*

INF.- No meu tempo, era *travessa* que se usava e agora é *tiara*.

INQ.- Hum hum, mudou muito a fala aqui?

INF.- Pra mim sim, tem as pessoas da minha idade que têm um vocabulário que era daquele tempo, né?

INQ.- Hum hum.

INF.- E agora é diferente, e esse é um, *tiara* e *travessa*.

INQ.- E por que será que mudou?

INF.- Olha, eu acho que a televisão...

INQ.- A televisão?

INF.- Porque antes a gente escutava muito o rádio e o rádio era muito aqui da cidade e aí quando veio a televisão vieram assim, veio o vocabulário do Rio de Janeiro, de São Paulo, que começou, não todo né? Que tem muita coisa de lá que a gente não usa que é completamente diferente, né? Mas eu acho que muita coisa veio de lá e acho que foi a televisão, que mais, isso que padronizou, né?

INQ.- Hum hum

INF.- Como o Brasil é tão grande isso se passa.

(Porto Alegre-RS, Mulher, Faixa 2, Nível Universitário)

No exemplo exposto, a informante se coloca em momentos diferentes, reconhecendo a existência de uma seleção lexical conforme a faixa etária, pois separa, em seu repertório linguístico, as diferentes formas para denominar o acessório de metal ou plástico que pega um lado a outro da cabeça, demonstrando, assim uma comparação que envolve passado e presente, expressa pela seleção dos itens lexicais *travessa* e *tiara*. Essa oposição e essa consciência aparecem por meio da condução do inquiridor que traz questões oportunas, como “que serve pra prender o cabelo?”, “mudou muito a fala aqui?” e “E por que será que mudou?”, as quais estimulam a fala da informante de forma espontânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil tem papel importante para o conhecimento, a divulgação e a reflexão sobre a língua portuguesa, dando o salto da teoria à prática para que estudiosos da língua encontrem as formas de aprofundar a pesquisa, o ensino-aprendizagem da língua materna, tendo em vista a variação. Nesse sentido, o Projeto ALiB contribui para

a compreensão de que a língua deve ser sempre um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante no seu trato diuturno e jamais uma forma de discriminação, de estigmatização.

O processo da entrevista, que constitui o *corpus* do Projeto ALiB, inclui interações no âmbito social, ideológico, cultural, entre outros, que propiciam a multiplicidade de contato entre as diferentes sociedades e modos de vida. Não há como negar que o profundo conhecimento do questionário linguístico aplicado traz a segurança para a condução da entrevista, por isso foram apresentados exemplos importantes, do Questionário Semântico-Lexical, especificamente dos campos *corpo humano, jogos e diversões infantis, ciclos da vida e vestuário e acessórios*, para mostrar o papel e o desempenho do inquiridor durante a realização das entrevistas, que são sempre únicas no sentido de ultrapassar a simples conclusão do inquérito linguístico.

REFERÊNCIAS

BENKE, V. C. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

BRASIL. Decreto n. 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 22 mar. 1952. Seção 1, p. 4665.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-107.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. M. et al. (Org.). *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.

CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994 [1980].

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LINDLEY CINTRA, L. F. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá Costa, 1983.

MOTA, J. A. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 239-259.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

PROJETO Atlas Lingüístico do Brasil. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.